



Muros invisíveis? Processos de integração/segregação na escadaria de Mãe Luiza e nas praias Areia Preta e Miami-Natal/RN

Invisible Walls? Integration/segregation processes at Mãe Luiza staircase and in the beaches of Areia Preta and Miami-Natal/RN, Brazil

Alysson Bezerril¹
Michel Jairo Vieira da Silva²

Resumo:

A dinâmica das pequenas ou grandes cidades de algum modo é marcada por territorialidades que favorecem, permitem o encontro e compartilhamento de espaços, ou o afastamento e isolamento entre sujeitos. Na realidade urbana e turística de Natal/RN não é diferente. Buscando conhecer tal dinâmica em um dos territórios mais emblemáticos dessa cidade, esse estudo tem como objetivos analisar de que maneira ocorrem os processos de integração/segregação socioespacial no entorno das Praias de Miami, Areia Preta e Escadaria de Mãe Luiza - Natal/RN. Para tanto apresenta como objetivos específicos: contextualizar historicamente o território da temática; apresentar o olhar de dois grupos de atores que dialogam com esse território; Mostrar a opinião e sugestões desses dois grupos sobre a dinâmica turística no local. O caminho metodológico tem uma abordagem qualitativa, exploratório-descritivo, utilizando pesquisa documental e formação de dois

1 Mestrando em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bacharelado em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: lyssonbzerril@gmail.com

2 Doutorado em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: micheljvs@hotmail.com

grupos focais (moradores do Bairro de Areia Preta e moradores do Bairro de Mãe Luíza) que foram questionados a partir de unidades temáticas. Para os resultados foi possível caracterizar e analisar as relações e a dinâmica de integração/segregação no território e observou-se que a segregação é verbalizada como comprovação de um traço marcante da relação de convívio na localidade.

Palavras-chave: Segregação-Socioespacial; Desenvolvimento; Turismo.

Abstract:

The dynamics of small and big cities in some way is marked by territorialities that favor, allow meeting, and sharing spaces and/or distance and isolation among subjects. In urban and touristic reality of Natal/RN, Brazil is not different. Seeking to know such dynamics in one of the most emblematic territories of this city, this study aimed to analyze how the processes of socio-spatial integration/segregation occur around beaches of Miami, Areia Preta and staircase of Mãe Luiza – Natal/RN, Brazil. For that, it was presented as specific objectives: historically contextualize the territory of the theme; present the perspective of two groups of actors that dialogue with this territory; show the opinion and suggestions of these two groups about the touristic dynamics in the place. The methodological approach had a qualitative, exploratory-descriptive approach using documental research and the formation of two focus groups (residents from Areia Preta neighbourhood and residents from Mãe Luiza neighbourhood) who were questioned from thematic units. For the results, it was possible to characterize and analyze the relations and the dynamics of integration/segregation in the territory and it was observed that segregation is verbalized as proof of a striking feature of the relationship of conviviality in the locality.

Key-Words: Socio-spatial segregation; Development; Tourism.

1 INTRODUÇÃO

À medida que um espaço é encarado pela ótica da categoria de território, as dinâmicas de poder sobre esse espaço (SANTOS, 1991), as relações de convívio se destacam. A discussão acerca do território leva consigo uma problemática associada também por Santos (2009), a do território como sinônimo de espaço banal – compreendido como um “espaço de todos”³, onde o tema “poder” dentre outras questões no convívio social, estão inseridos.

Das expressões presentes nesse território, aqui, aponta-se uma camada que trata da integração/segregação entre sujeitos sobre esse sítio.

Para diversos autores como Sen (2000), Sachs (1986) e Furtado (1961; 1974) desenvolvimento carrega em seu conceito uma perspectiva de melhoria na qualidade de vida através claramente de elementos econômicos, mas diretamente associados a uma “felicidade” expressa na erradicação da pobreza, na redução das desigualdades, nas potencialidades humanas e entre outros.

Apesar disso, mostra-se que comumente o tema desenvolvimento é relacionado na gestão pública e no entendimento popular ao volume de capital. Essa interpretação, quando tratamos aqui do espaço urbano - sendo mal administrado, revela-se em um território marcado por desigualdades, conflitos.

O conceito de desenvolvimento quando associado ao turismo (RABAHY, 2003) também pode recair sobre as mesmas questões. Em diversos casos essa dinâmica urbana já se encontra historicamente maculada.

Esse desenvolvimento desigual pode gerar dentro do tecido urbano cinturões, conflitos alardeados ou silenciosos entre os atores (ricos-pobres; turistas-residentes). A segregação socioespacial é certamente um dos retratos marcantes da desigualdade em territórios urbanos que tem o olhar centrado em questões financeiras e de classes e/ou pelo turismo (higienista).

Entender o desenvolvimento socioespacial atrelado ao urbano e para esta pesquisa também aos interesses do fenômeno turístico, convida a reflexão sobre processos de integração e segregação em um dos territórios emblemáticos da cena urbana e turística de Natal/RN.

O território Mãe Luiza é um bairro popular conhecido como área pobre, marginalizada. Está inserido na região leste da cidade de Natal e pode ser entendido como uma “ilha ou recanto” - região popular rodeada de bairros nobres, e com vista para o Oceano Atlântico. O bairro margeia por outro lado também o Parque das Dunas, área de unidade de conservação⁴ de importante valor climático e paisagístico

3 Entendido por Milton Santos como o espaço das firmas, as instituições, população local e o meio ecológico.

4 Primeira unidade de conservação do Rio Grande do Norte. Reconhecido pela UNESCO como parte integrante da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica Brasileira. Considerado o maior parque urbano sobre Dunas do Brasil (IDEMA, 2021).

da cidade. Silva (2016, p.70) aponta que o bairro por repetidas vezes foi e é alvo de pressões políticas e empresariais visto seu potencial imobiliário para públicos mais abastados.

A partir disso, surge a pergunta problema: - Como se dão os processos de integração/segregação entre turistas e residentes no entorno da Escadaria de acesso ao Bairro de Mãe Luiza, e das Praias de Miami e Areia Preta, Natal/RN?

Para tanto, visando responder à pergunta problema, desenvolve-se o objetivo deste trabalho: Analisar os processos de integração/segregação socioespacial no entorno da Escadaria de acesso ao Bairro de Mãe Luiza, e das Praias de Miami e Areia Preta - Natal/RN. Enquanto objetivos específicos, destaca-se: contextualizar historicamente o território analisado; apresentar o olhar de dois grupos de atores sobre tal território (moradores dos bairros de Mãe Luiza e Areia Preta); mostrar a opinião e sugestões desses dois grupos sobre a dinâmica turística no local.

Na próxima seção traz-se abordagens acerca do desenvolvimento e segregação socioespacial para que seja possível o entendimento das causas e efeitos dessa dinâmica urbana.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção trata-se de um aporte teórico que vai, não somente introduzir, mas, de fato, irá lidar com o desenvolvimento socioespacial (2.1) e a segregação socioespacial (2.2) que conceitua e traz abordagens relevantes sobre o tema através de um olhar mais crítico e teórico.

2.1 DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL: QUE MODELO QUEREMOS?

O desenvolvimento parte do pressuposto de um conceito amplo e multidimensional que vai depender de uma série de fatores. Pode ser entendido também como um processo de evolução com a participação de atores que se encontram envolvidos em uma trajetória de desenvolvimento que façam sentido aos interesses públicos de determinada localidade. Corroborando com essa ideia Coriolano (2006, p. 65) afirma que “o conceito de desenvolvimento é indefinido e vago, sempre se fala do mundo que se quer e não do que se vive, requer um esforço para que se apreenda o significado e os resultados que os governos obtêm nesse sentido”.

Tal pensamento de evolução revela aspectos que fazem referência a países com baixo grau de desenvolvimento que querem chegar a um nível mais elevado de qualidade de vida através de forças de mercado, utilizando-se dos modelos econômicos implantados em países ricos. Ou seja, é quase como uma fórmula que parece ser copiada deixando de lado o que é específico e distintivo de cada território. “A aceitação dessa doutrina implica em ignorar a especificidade do fenômeno do subdesenvolvimento. [...] e a ela se deve a concepção do desenvolvimento como uma sequência de fases necessárias”. (FURTADO, 1974, p. 20).

O desenvolvimento está objetivamente ligado a elementos econômicos, alinhando-se como diz Souza (2005, p. 96), a “uma combinação de duas coisas: crescimento econômico e modernização tecnológica”. Apesar disso, autores como Sen (2000) e Dias (2008), têm olhares mais amplos que levam em consideração aspectos econômicos, associados à peculiaridades do território para desenhar um processo de desenvolvimento.

Consegue-se perceber uma aproximação do conceito de desenvolvimento com o lado mais humanizado, que envolvem inclusive posturas republicanas. Questões essas que tratam da participação por exemplo, envolvendo a liberdade e a ética popular na idealização, integração, acesso a espaços e na manutenção de mecanismos sociopolíticos (SEN, 2000).

Neste ponto, torna-se indispensável entender o cidadão como o agente mais importante do processo de desenvolvimento. Excluir essa participação enquanto parte principal nessas tomadas de decisão sobre o território em que vive, revela uma moldura marcada por desigualdade que acaba por contestar a ideia de desenvolvimento como melhoria na qualidade de vida da população local. Sendo também seu engajamento, ou falta dele, um fator central no debate. Em meio à baixa participação no processo de desenvolvimento, constrói-se um desenvolvimento desigual. (RODRIGUES, 2007).

Não obstante, o desenvolvimento alinhado ao turismo perpassa pelas mesmas discussões (SOARES, AZEVEDO, 2020). Esteve por muito tempo associado à equação de que desenvolvimento era sinônimo de crescimento econômico apenas, o que resultou e resulta ainda em destinos excludentes. Essa visão reducionista é de que desenvolvimento por meio do turismo se dá basicamente na força de mercado.

No entanto, desvencilhar-se dessa visão exclusivista do econômico também vem sendo papel de estudiosos do turismo no Brasil e no mundo (PANOSSO NETTO e TRIGO, 2009). Mas ainda é necessário avançar, principalmente quando se pensa que ainda se pode ver desviando as agendas de um desenvolvimento mais igualitário em favor do capital.

O resultado disso é um território onde a desigualdade, e a segregação, se apresentam nas diferentes dinâmicas socioespaciais. Seja por meio de acesso a serviços públicos, no acesso ao mercado de trabalho ou espaços de lazer – onde uma agenda pouco comprometida com o desenvolvimento socioespacial concretiza-se. A exacerbação desses sintomas é comumente vista no discurso e realidade de fendas urbanas que separam sujeitos e suas formas de acesso à cidade e ao modelo de desenvolvimento promovido por ela.

2.2 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: MUROS VISÍVEIS E INVISÍVEIS

Ao efetivar a relação sobre desenvolvimento e crescimento econômico torna-se indispensável levar em consideração os aspectos de segregação presentes nos territórios – aqui destaque para urbanos. A marca deixada pelo desenvolvimento desigual acaba imprimindo a segregação como literalmente sinônimo de separação.

Nos tempos hodiernos avançam-se os estudos do traçado urbano como lugar de separação, não somente de forma espacial. As desigualdades são materializadas em um espaço físico de convergência/divergência de atores. Entender o fechamento territorial - denominado por Haesbaert (2014) como exclusão - como ferramenta da segregação socioespacial é compreender que os *apartheids* é quando há uma separação clara entre grupos sociais. Dessa maneira, a segregação é um retrato marcante do desenvolvimento desigual que gera muros e conflitos que podem ser silenciosos ou alardeados.

No fenômeno turístico essa dinâmica não é diferente em diversos casos. A partir da sua instalação, o turismo é visto como a solução de todos os problemas de uma localidade, sendo um setor intrinsecamente econômico capaz de resolver problemas estruturais “num piscar de olhos”. O poder público muitas vezes encara o turismo numa perspectiva econômica ligada ao emprego e renda e questões financeiras sem se atentar para os impactos socioespaciais e culturais no entorno (SILVA, 2017), os desdobramentos da chegada de um fenômeno econômico e socioespacial complexo.

Essa segregação no turismo pode ocorrer comumente quando existe disparidade entre o perfil do consumidor e produtos turísticos e a realidade por vezes problemática ou miserável do morador do destino. Dessa maneira, dependendo da capacidade de consumo desse residente, ele será visto pelo setor do turismo como pessoa inapropriada e malquista naquele território agora dominado (ainda mais) pelo jogo excludente do capital (seja como consumidor, seja como trabalhador). O território tocado pela atividade, se envolto a um modelo de desenvolvimento excludente, torna-se palco desse conflito de realidades onde certamente são escassas as ações ligadas à participação popular, integração e valorização social, cultural e ambiental do meio.

Na contramão dessa forma de encarar o desenvolvimento, como já mencionado, muitos são os pesquisadores que propõem reflexões e caminhos para um uma gestão de territórios mais plural, equitativa e inclusiva. No turismo, pode-se destacar a visão sustentável, harmoniosa e suave de gestão turística proposta por Krippendorf (2003). Sua obra, dentre outras, continua a inspirar pesquisadores e gestores públicos que pretendem concretizar o desenvolvimento socioespacial.

Em paralelo a essa convocação a um modelo mais inclusivo de desenvolvimento, muitas cidades (aqui representadas por territórios com vocação turística) são planejadas para poucos, sem participação popular e valorização de sujeitos do entorno, quando deveria ocorrer atentando a todos os atores (pobre, não-branco, morador de áreas menos privilegiadas).

Deve-se então propor um planejamento em que muitas camadas sejam consideradas, que sujeitos sejam visibilizados, e que no caso do turismo, ocorra “encarando-o de maneira articulada, participativa e consciente” (SILVA, 2017, p. 103), trazendo os diferentes personagens do território para o holofote de discussões, mas também para os benefícios de um desenvolvimento mais justo.

Na próxima seção, mostra-se a forma como os conceitos apresentados aqui

serão explorados para que seja possível a identificação da integração/segregação no território urbano escolhido.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório-descritivo que permite a descrição das relações e características do grupo de personagens da pesquisa. Dessa maneira, são coletados dados e opiniões/comportamento dos indivíduos, utilizando-se perguntas abertas.

Visando atender todos os objetivos do trabalho foi utilizado, análise bibliográfica e fontes documentais ligados à contextualização histórica dos bairros de Mãe Luíza e Areia Preta, além de elementos turísticos e de urbanização da orla. Bem como, foram realizados dois encontros com metodologia de grupo focal (via reunião virtual) com dois grupos de atores envolvidos na pesquisa: Residentes dos bairros de Mãe Luíza e de Areia Preta em Natal/RN.

A escolha por esse método consiste em tentar preservar a saúde dos participantes visto o avanço da Pandemia de Covid-19. A escolha dos participantes segue critérios que têm correlação com o território estudado. Para os dois grupos de atores residentes entrevistados, o critério foi ter a sua moradia no referido bairro; frequentar a escadaria, o calçadão e/ou as praias de Miami e Areia Preta. O acesso a essas pessoas ocorreu de forma aleatória em seu momento de lazer ou exercício físico pelo território. As reuniões foram realizadas de forma virtual visando a segurança dos participantes.

O grupo focal com moradores de Mãe Luíza ocorreu em 27/07/2021 a partir das 19h, com 1 hora e 56 minutos de duração, e contou com a participação de 8 pessoas. O encontro virtual com os moradores de Areia Preta ocorreu em 17/08/2021 também às 19h, com 1 hora e 15 minutos de duração, contando também com 8 participantes. As reuniões foram gravadas e transcritas integralmente com a autorização dos participantes, que terão seus nomes suprimidos durante a análise dos dados. Para tanto, tem-se a substituição dos nomes pelos códigos a seguir (Quadro 01):

QUADRO 01 – CODIFICAÇÃO DE ATORES DA PESQUISA

MAP -Morador de Areia Preta	MML - Morador de Mãe Luíza
MAP 01	MML 01
MAP 02	MML 02
MAP 03	MML 03
MAP 04	MML 04
MAP 05	MML 05

MAP 06	MML 06
MAP 07	MML 07
MAP 08	MML 08

FONTE: Elaboração própria, 2021.

As 8 perguntas abertas feitas aos dois grupos tratando de temas voltados para o atendimento do 2º e do 3º objetivo específico. Todos os participantes foram convidados nominalmente a se manifestar diante dos questionamentos. A todos foi dado o direito a retomada de fala sempre que solicitado.

A partir de toda a coleta, a análise dos dados coincidiu com a contextualização histórica dos bairros tratados, seguido de impressões dos moradores sobre os processos de integração e segregação no território tratado, culminando com seus olhares sobre o fenômeno turístico (impactos e possibilidades).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após esta perspectiva do aporte teórico e metodologia, é nos resultados em discussões que traz abordagens no âmbito mais prático analisando a especificidade da região e da localidade estudada.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS TERRITÓRIOS - AREIA PRETA E MÃE LUIZA

O território de Areia Preta foi reconhecido como um bairro de Natal/RN pela Lei nº 4.328 de 1993, porém seu povoamento teve início muito antes. Alguns registros encontrados relatam que o bairro tem essa nomenclatura devido às suas falésias de coloração escura (TURISMO EM NATAL/RN, 2019) e também ao arcabouço litológico de cor escurecida presente em sua orla.

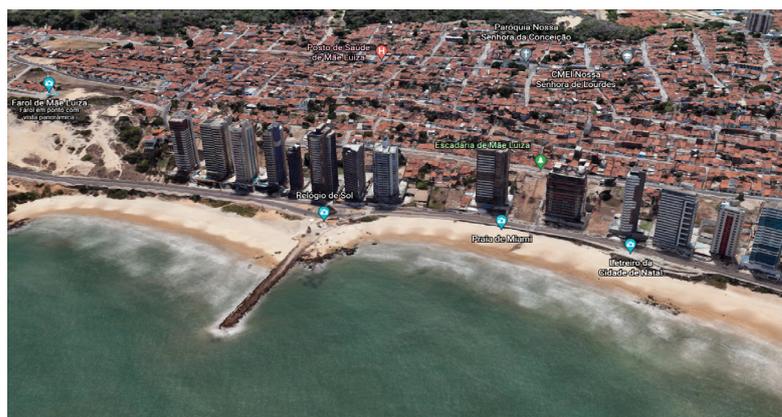
Por ter sido por muito tempo o local mais distante ao leste da cidade, o bairro praiano de Areia Preta sempre teve como característica belas paisagens naturais compostas de praias que chamaram a atenção dos moradores da cidade de Natal, sendo a primeira praia a se oficializar como “balneário público natalense”. (TURISMO EM NATAL RN, 2019).

Embora, Areia Preta tenha sido um dos últimos bairros praianos a se consolidar, quando se concretiza, ocorre de maneira rápida e impactante nas últimas décadas, elevando a especulação imobiliária, e a dinâmica socioespacial do território.

A construção da via de acesso para a zona sul (Via Costeira) passou a ser ponto marcante na história do desenvolvimento de Areia Preta e da região Leste, sendo essa via que margeia o bairro uma ligação importante entre antigos e novos bairros e praias.

Grande parte de seus moradores habita edifícios e condomínios de luxo de frente para o mar (Figura 01). Tais “sofisticados espigões” – devido a paisagem - acabou por chamar atenção das classes mais abastadas de Natal que ao invés de se mudarem para regiões e condomínios mais distantes do centro da cidade (movimento que vem acontecendo em Natal), encontraram nesses projetos possibilidade de unir prédios de luxo, bela vista, e aproximação com o centro comercial da cidade.

FIGURA 01: BAIRRO DE AREIA PRETA [ARQUIVO DE FOTO]



FONTE: Google Earth. Recuperado em 24 de agosto de 2021

O bairro de Areia Preta tem às suas margens duas praias urbanas, a que dá nome ao bairro, e a de Miami. Atualmente, mesmo que menos requisitadas, os usos das praias de Areia Preta e Miami são conhecidas por importante parcela da população. Tais usos se dão devido tanto pelo banho de mar, quanto pelas práticas de esportes, como surf, beach tennis, futevôlei, beach soccer – além de corridas e caminhadas.

Avizinhada de Areia Preta, está Mãe Luiza - que é um bairro da Zona Leste da cidade de Natal reconhecido em 1958 pela Lei de n.º 794. Está situado e avizinhado em grande dimensão também pelo Parque das Dunas, importante reserva florestal urbana. Mãe Luiza também tem proximidade com outros bairros importantes da cidade, como Petrópolis e Cidade Alta.

Mãe Luiza foi constituída na base de uma área dunar, em terreno íngreme de difícil acesso. A localidade também foi fruto da ocupação de pessoas que vinham do interior do estado do Rio Grande do Norte devido a uma seca que assolava o sertão na década de 1940. Esses aspectos citados foram determinantes no processo de ocupação e formação da população desse território. (FERNANDES, 2011).

Acredita-se que em virtude da migração que ocorria, acabou que o espaço causava uma certa concentração de pessoas advindas do êxodo rural e de baixa renda, como afirmado por Leitão (1978, p. 32)⁵: “Mãe Luiza assumia a função de polo de atração das camadas de baixa renda provenientes tanto do homem do campo,

5 Leitão (1978, p. 32 *apud* FERNANDES, 2011, p. 41).

como também do próprio cidadão urbano marginalizado”, configurando assim em uma população comumente pobre, tendo sido sistematicamente afastados para as periferias da cidade. Mãe Luíza ainda é periferia no aspecto social, tendo em vista que é frequentemente concebido como bairro pobre e violento.

Seus habitantes ainda são vistos como impeditivos para o desenvolvimento (desigual) daquela região. Seus moradores, sua população e estrutura habitacional (favelizada em diversos casos) causam o “enfeimento” da orla (FERNANDES, 2011). Quando se fala nesses impeditivos do desenvolvimento, aqui se levanta questões acerca de papéis econômicos e problemas sociais que revelam um estigma de um bairro “marginalizado” - “fama” que é levada para além dos seus limites de divisas. Embora seja um bairro localizado próximo do centro da cidade, é por causa da comunidade de baixa renda e hábitos da população local, que os moradores carregam consigo estigma que pode gerar – quando em diálogo com os bairros vizinhos, segregação.

Em meados de 2014 durante a Copa do Mundo, após torrenciais chuvas na cidade, um desastre causado pela formação de um buraco na pavimentação da Rua Guanabara levou asfalto e casas em meio ao barro para a avenida principal. Um escorregamento de uma encosta que geraria um desastre e marcaria a comunidade periférica de Mãe Luíza. Esse acontecimento está grifado na história do Bairro de Mãe Luíza de forma impactante. Diversas residências foram destruídas e várias famílias desalojadas (Figura 2). (JÁCOME, 2018).

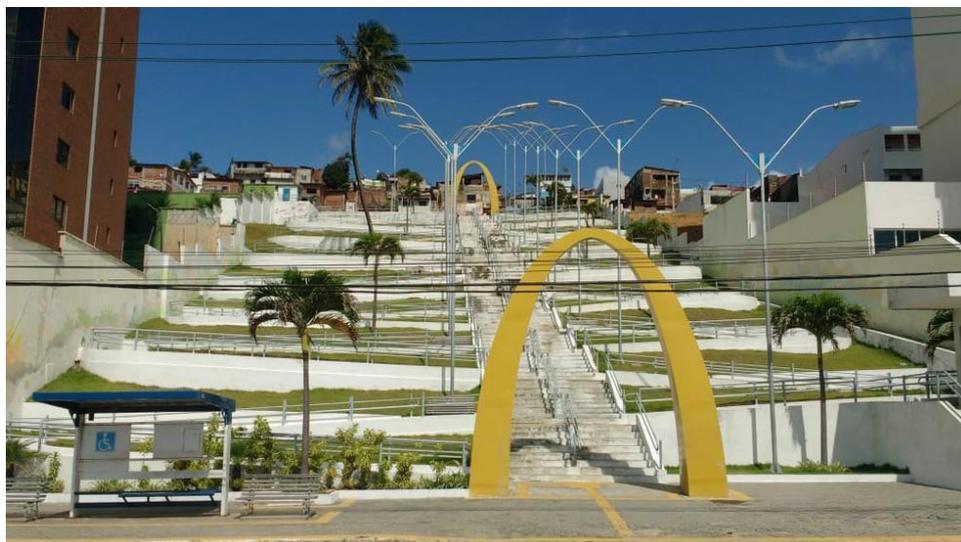
FIGURA 02: DESASTRE EM MÃE LUIZA.



FONTE: Reprodução/Inter TV Cabugi. Recuperado em 03 de setembro de 2021

Diante do ocorrido, na tentativa de reconstrução da área e de ressignificar a tragédia, desenvolveu-se alguns meses depois um projeto de repaginação do local. Após o desabamento de antiga escadaria, a Prefeitura Municipal de Natal edificou em pouco mais de 1 ano uma nova estrutura batizada de “Escadaria de Mãe Luíza” (Figura 3), ligando objetivamente os Bairros de Mãe Luíza e Areia Preta.

FIGURA 03: ESCADARIA CONSTRUÍDA EM MÃE LUIZA.



FONTE: Igor Jácome/G1. Recuperado em 03 de setembro de 2021.

Moradores de Areia Preta e Mãe Luiza também compartilham desse espaço e equipamentos para práticas de lazer e atividades físicas, sendo todo esse território, ponto de aparente convergência (nem sempre harmônica) entre três grupos: Moradores de Mãe Luiza, de Areia Preta e Turistas (que se hospedam em hotéis da orla ou param para fotografar o espaço instagramável “Eu amo Natal”). As relações que se estabelecem entre esses sujeitos serão o alvo seguinte da pesquisa.

4.2 OLHAR DOS DOIS GRUPOS DE ATORES ENVOLVIDOS NO TERRITÓRIO MORADORES DOS BAIRROS DE MÃE LUIZA E AREIA PRETA

Entender acerca da dinâmica das relações de convívio é o primeiro passo para concretizar abordagens que se debruçam sobre as relações de poder. Essas abordagens também se devem a um lazer que pode ser integrador ou não (SILVA, 2017), isso porque os espaços utilizados para o lazer seriam a saída do ambiente laboral dos indivíduos.

Com relação aos moradores de Mãe Luiza e a forma como utilizam a escadaria e as praias de Areia Preta e Miami, percebe-se que a maioria das pessoas usam desses espaços para a prática de lazer e atividades físicas, como é o caso do entrevistado MML 02 confirmando a utilização do espaço para lazer e demais atividades físicas que são típicas na região: “Na verdade, uso um pouco da praia, uso também as calçadas, já fiz uso da escadaria[...]. Nos últimos anos fazia mais tomar banho e uma cervejinha na barraca de Carlos e também de outros moradores”.

Pode-se perceber que apesar de ser um espaço muito utilizado para o lazer, ainda é possível enxergar um local que também é utilizado para trabalho por diversos

moradores da comunidade de Mãe Luiza. Destaque para empregos informais e a venda de alimentos, bebidas e artesanato no calçadão ou beira-mar.

Quando se traz o uso dos espaços pelos moradores dos edifícios de Areia Preta, destaca-se que também utilizam para práticas de lazer e que pode permitir uma certa integração, mesmo que visual, com moradores de Mãe Luiza, como fala o MAP 01: “Hoje uso a praia para tomar banho, o surf, jogar beach tennis e andar de bicicleta”.

Outro entrevistado desse grupo de atores o MAP 04 confirma com isso e ainda acrescenta que a localidade para ele seria uma espécie de linha tênue entre o trabalho e o lazer pois ela, além de moradora, é empreendedora na localidade: “Além de usar para o lazer, uso como empreendimento. Sou do ramo do turismo e tenho um hotel em Areia Preta. Eu morava na zona sul e vim morar aqui. Sou professora de Beach tennis e o pratico desde 2014. [...] sou moradora, praticante, assídua, empreendedora e tenho uma conveniência também na praia de Areia Preta”.

Fica muito claro nessa abordagem que quando se trata de lazer, as práticas são semelhantes, entretanto quando usada para trabalhos, enquanto os moradores de Mãe Luiza se identificam nas pessoas que atuam em trabalhos informais, os de Areia Preta, em sua maioria, ou seja cerca de 2/3 dos entrevistados, são donos de empresas e ocupam cargos de gestão importantes que lidam com o processo decisório da sua empresa que possivelmente possam afetar, direta ou indiretamente, as relações de poder e consumo no território.

Embora seja um espaço onde se contempla as atividades físicas e de lazer, é nele onde a comunidade de Mãe Luiza enxerga os aspectos positivos através do envolvimento da participação popular com a região que se aflora a expressão cultural e dá voz a uma liberdade que pode estar implícita e suprimida.

Quando se questiona sobre aspectos positivos daquela região, o grupo de atores de Mãe Luiza vai destacar o território como motivador do envolvimento e da participação popular, seja nas mais variadas formas. MML 02 fala que “Acho que o que mais se destaca é essa questão da participação da população nos aspectos do envolvimento. Não via muita gente fazendo exercício físico e hoje você vê e acho que o que motivou foi a partir dessa escadaria”.

Essas variadas formas de envolvimento, principalmente, de expressão cultural incluem elementos artísticos, percorrendo também pela expressão corporal como dito por MML 01 “Acho que o pessoal vai tocar em outros aspectos, mas quero colocar aquele lugar como um lugar de expressão artística e de expressão corporal porque o pessoal faz dança lá”.

Os mesmos questionamentos foram feitos e buscava entender a visão dos atores sobre os pontos positivos das relações de convívio. O grupo de atores de Areia Preta elencaram os aspectos positivos, e na reunião demonstravam serem alheios aos apontados pelos de Mãe Luiza. Buscaram falar sobre as belezas naturais e suas paisagens como forma simplista de abordagem. Tem-se como exemplo o MAP 02: “É a possibilidade de ter um lazer na sua porta, o mar, a praia... é poder usufruir disso tão próximo às nossas casas”.

O que se percebe aqui é um ponto extremamente marcante, enquanto as pessoas de Areia Preta sempre estão destacando aspectos como belezas naturais e tudo parece estar belo e harmônico, as pessoas que fazem parte da comunidade de Mãe Luiza levantam pautas que sempre apontam para aspectos de querer dar voz ao que parece tentar calá-los – cultura e representatividade.

Dando continuidade, levantou-se a problemática de cada entrevistado agora quanto aos pontos negativos da localidade estudada (praias e escadaria). A semelhança de respostas foi o tónus do tema. Ponto comum que chama a atenção de duas pessoas dos grupos de atores distintos é devido à infraestrutura. MML 04 diz: “Acho que essa parte da infraestrutura mesmo, a praia de Miami por exemplo é um grande ponto para os ciclistas aqui de Natal. Mas não tem ali em volta uma ciclovia, acho o espaço do calçadão muito estreito para a quantidade de pessoas que caminham por ali todos os dias”. Apesar de pertencer ao grupo de Areia Preta, MAP 01 também destaca a mesma questão: “O aspecto negativo acho a acessibilidade tanto da praia como também para ciclista. Você não tem uma área pra ciclista e no final de semana fica muita gente e também a praia é um pouco precário o acesso”.

O que se quer atentar aqui é para o fato de diferenciação entre essas duas abordagens. Apesar de fazerem basicamente o mesmo apontamento, enquanto o MML 04 destaca “todos os dias”, o MAP 01 coloca um limite de tempo que chama atenção. Esse entrevistado determina o final de semana como um espaço de tempo no qual, em tese, teria mais gente convergindo no mesmo lugar. O que pode ficar subentendido é que o entrevistado MML 04 entende que seria um problema territorial, o MAP 01 pode ser entendido como um problema social, tendo em vista que somente as pessoas que frequentam o espaço no final de semana poderia incomodar o entrevistado do bairro de Areia Preta.

O questionamento que fica é, “que tipo de pessoas são essas?”. Para responder esse questionamento foi importante questioná-los não somente sobre quem são os frequentadores da região, mas também tentar entender a visão de cada grupo de atores com relação aos demais atuantes naquele território.

Majoritariamente as pessoas respondem ser os moradores de Areia Preta e Mãe Luiza e poucos turistas, como colocado por MAP 06: “A gente percebe que a maioria é nativo. Tem pouco turista ou pessoal de fora. A maioria é de Mãe Luiza, daqui da frente é tudo local”.

Mesmo com essa percepção de que a maioria que eles enxergam parecem ser nativos, o que chama atenção também é a fala de MAP 08 quanto questões de integração: “Vejo uma pluralidade, uma miscigenação, um convívio muito grande de várias classes sociais, certo?! [...] Percebo uma grande mistura de raças e acho legal. Muita representatividade. Me dou muito bem com essa miscigenação”. Destaque aqui para o entendimento de haver um convívio harmonioso.

Areia Preta que destaca um contato harmonioso, e não é o que se percebe quando se questiona ao pessoal de Mãe Luiza. MML 08 aponta que “Do lado de cá (Areia Preta) por sua vez estão as pessoas que não se entrosam, a diferença social

existe e isso é notório”. Essa pessoa acaba por se identificar com os residentes de Mãe Luiza e perceber que são eles pelo fato dos *habitus*⁶.

MML 05 aponta relacionado a uma divisão socioespacial que ele enxerga durante os domingos: “Percebo muito essa divisão no domingo que é o dia que o pessoal se diverte mais na praia, [...] e a gente sabe que a comunidade de Mãe Luiza tem a praia como lazer todo domingo. A gente ver as pessoas que são dos apartamentos mais reclusas e que ficam mais na deles, assim a forma de agir, a forma de se comportar”.

O que se percebe é uma diferenciação que está ligada diretamente ao âmbito cultural e de hábitos de consumo, que esses são fatores determinantes desse processo e que revelam um retrato de segregação ou conflito silencioso entre os sujeitos que circulam no perímetro analisado.

Apesar de colocar em evidência, o grupo de Mãe Luiza demonstra queixas sobre os moradores de Areia Preta. Tentando evidenciar ainda mais esses conflitos, foi perguntado mais incisivamente o que se tinha como percepção de um grupo sobre o outro e vice-versa.

O grupo de Areia Preta ainda assim destacava que era difícil terem esse contato, mas sempre que acontecia era de maneira muito amistosa. MAP 01: “A relação é amigável sempre mas ela é rara”.

Um ponto de se chamar atenção é o destaque que MAP 04 dá em relação ao seu convívio com tais pessoas: “O meu convívio sempre foi muito bom até porque a gente tem um empreendimento aqui e a gente empregava muitas pessoas daqui de Mãe Luiza”. Como mostrado no início desta seção é uma relação também de subserviência onde se fala em tempo de trabalho e lazer desconexo que segundo Padilha (2000, p. 48)⁷ “a produção capitalista divide não só o tempo como o espaço. Na sua opinião, a divisão fundamental de tempo de trabalho/tempo livre está inscrita no espaço, na medida em que o território de cada um não é mais um espaço conexo”.

Uma outra fala impactante vem de morador de Areia Preta que relata a violência tentando aliar essa fala as pessoas que moram em Mãe Luiza, porém aparenta um certo medo de afirmar isso MAP 07: “Gostei muito da harmonia que nós temos[...]. Assim que a gente começou a andar aqui na orla um chamou a gente e disse ‘olhe, cuidado quando vocês forem andar’ porque naquela época não tava tão tranquilo. Inclusive meu filho foi assaltado aqui na porta do prédio e levaram o iphone dele”.

Apesar dessa imagem de subserviência e de perigo associado aos moradores de Mãe Luiza, na fala dos residentes em Areia Preta também é possível perceber uma imagem de pacificação, de que tudo é ordeiro e essas relações são harmoniosas nos dias atuais. Leveza que não é encontrada no discurso dos moradores de Mãe Luiza.

De acordo com MML 01: “Bem gente, não é uma relação amigável não.

6 Segundo a concepção de Bourdieu (2001) vai tratar de elementos que vão estabelecer diferenças entre pessoas ou grupos. Ou seja, a forma de vestir, um comportamento, costumes, tradições.

7 Padilha (2000, p. 48 *apud* CORIOLANO 2005, p. 97).

Historicamente isso sempre se deu e não é novidade não. É, existe uma diferença muito grande”. Esse mesmo habitante utiliza de falas por vezes incisivas para alegar que os moradores de Areia Preta, junto à especulação imobiliária, têm o interesse de retirar os moradores de Mãe Luiza, derrubando a Lei de uso e ocupação do solo (LUOS)⁸ do município referente ao bairro para construir prédios. Afirma que não se relaciona nem política, nem ideologicamente com ninguém do bairro praiano. Tal fala desse participante se aproxima das inquietações sobre desenvolvimento que foi tratado no referencial nos quais leva muito da concepção de Sen (2000), Furtado (1974).

MML 07 chega a implicar com o fato de estarem lado a lado, tão próximos e não convergirem e integrarem entre si: “Assim como a maioria falou, não tenho nem muito o que falar porque são coisas totalmente diferentes entre uma realidade e outra. Pra você ver, a gente mora tão próximo e a maioria das pessoas que estavam aqui não conhecem nenhuma pessoa de lá”.

Então, de fato é possível enxergar bairros que vivem lado a lado mas que não conversam e não estão integrados entre si. Por vezes, é perceptível a tentativa de maquiagem todas as “dores” por meio do discurso, mas tudo isso vem à tona quando colocado e analisado através do diálogo de cada participante de Mãe Luiza.

Então, as relações nesse território estão gerando conflitos por vezes alardeados e por vezes silenciosos - demonstrados por Haesbaert (2014), criando assim uma cenarização com personagens que utilizam o mesmo espaço, até com interesses semelhantes, mas olhares e partilhas distintas.

4.3 OPINIÃO E SUGESTÕES DOS GRUPOS SOBRE A DINÂMICA TURÍSTICA NO LOCAL

Quando se vivencia um território que de certa maneira é turístico, as relações de convívio podem auxiliar em um desenvolvimento através do turismo não somente como forma de acúmulo de capital, e oportunidade de negócio, mas por meio de uma perspectiva menos simplista, que leve em consideração aspectos como qualidade de vida nas pastas da cultura, do acesso a espaços de lazer, cuidados com o meio ambiente, segurança, entre outras questões. Essas benesses inclusive podem anteceder a chegada do turismo, sendo a qualidade do território um chamamento de visitantes.

O que se percebe é que na maioria das opiniões sobre a atividade turística é que ela é enxergada como algo que vai transformar e ser causa do desenvolvimento territorial. Ou seja, talvez com o discurso do turismo (para atender visitantes), o melhoramento das estruturas, dinâmicas e oportunidades para os residentes chegaria.

8 A Lei de uso e ocupação do solo também conhecida como LUOS é uma legislação criada para que cada município tenha controle sobre o seu espaço urbano através de regras pré-estabelecidas.

Os participantes de Areia Preta dispõem de um pouco dessa intenção de desenvolver primeiro o território para assim atrair turistas. Como dito por MAP 03 sobre a mudança na dinâmica do território estudado: “Como eu disse, estruturar melhor a praia. Inclusive a inclusão porque agrega você ter uma estrutura de esporte, proporcionar barraquinhas todas estruturadas para as pessoas trabalharem ali de uma forma mais organizada”.

À medida que os entrevistados de Areia Preta levam essas mudanças para o lado estrutural, os participantes de Mãe Luiza afirmam sobre a necessidade de coexistir e resistir, o turismo como oportunidade de desenvolvimento e de mudança da imagem do bairro - MML 08: “Acho que talvez melhorasse muito o convívio seria se a comunidade talvez mudasse, que as pessoas entendessem que aqui na comunidade na realidade uma grande maioria são pessoas honestas e por enquanto não mudar a cabeça porque tudo que acontece de negativo está dentro de Mãe Luiza”.

Ao se tratar questões de como cada um avalia o espaço para a atividade turística, os habitantes de Areia Preta sempre acham importante, como já mencionado, a questão estrutural e avaliam como sendo o turismo um aspecto positivo para a localidade. Como falado pela MAP 03: “O turismo é a fonte de renda, muitas cidades vivem dele. Natal já foi mais forte, precisamos retomar”.

Um dos participantes de Areia Preta avança em uma interpretação mais sustentável do turismo, com destaque para a capacidade de carga. MAP 05 diz: “Reflito muito sobre o aspecto de que ‘será que realmente é positivo desenvolver sem tanto controle essa questão turística na região’. Percebo que final de semana mesmo não tendo tanto turismo é lotado de carro e as vezes pra passar você vai ter que descer pela pista e não sei até que ponto o desenvolvimento turístico vai trazer benefício nesse aspecto”. De fato, o turismo torna-se transformador quando bem gerido, na mesma proporção que se torna uma atividade que traz danos que podem ser irreparáveis.

Ao colocar os questionamentos acerca do turismo na localidade para os moradores de Mãe Luiza percebe-se uma certa empolgação. Avaliam positivamente pelo fato de visar uma melhoria na qualidade de vida através da economia. Eles colocam em questão que o bairro dispõe de muitos artesãos que desenvolvem seus projetos próprios e que se tivesse um centro de artesanato para exporem seus trabalhos configuraria oportunidade de valorização da cultura e traria renda. De acordo com MML 01, que afirma: “Queria concordar com o que MML 03 falou, Mãe Luiza tem muitos artesãos [...]. Seria melhor oportunizar que pessoas do bairro colocassem para vender o que constrói com suas mãos”.

Em relação ao turismo os dois grupos têm uma visão de certo modo congruente e corroboram afirmando que seria um aspecto positivo e de grande interesse para todos. Apesar de uma visão reducionista e economicista que tiveram sobre o turismo, evidenciando principalmente interesses financeiros, como aponta o referencial teórico.

5 CONCLUSÃO

Muitas são as formas de segregação/integração. Portanto, faz-se central compreender tais relações de convívio e povoamento através das conjunturas de poder que se dão no território. O que se quer colocar aqui é a importância de entender, avaliar e analisar os danos que podem ser causados devido a uma visão reducionista de um desenvolvimento. Conflitos são retratos de uma segregação alinhada com a qualidade de vida precária e insatisfatória para determinados grupos.

Aqui, decide-se dar voz a uma temática e grupo de pessoas que vivem uma relação que “todos sabem”, mas que provavelmente em poucas vezes são convocados a verbalizar. Essas relações desiguais no território estudado convidam à reflexão e mudanças. Percebe-se evidências de segregação, discursos distintos sobre harmonia/ desconfiança/ afastamento entre moradores devido principalmente à classe e origem de moradia.

Conclui-se essa etapa da pesquisa reconhecendo a importância de avançar em novas perspectivas sobre o tema, possivelmente abertos a novos grupos focais aprofundando e detalhando sobre os processos de integração/ segregação na região, replicando em outras áreas com histórico semelhante, como a Vila de Ponta Negra, Natal/RN, por exemplo.

Espera-se que tais resultados obtidos possam de algum modo proporcionar novos horizontes sobre o território estudado levando a auxiliar possíveis gestores, além de cidadãos, que queiram utilizar-se desses dados para um melhor trabalho em seus futuros projetos.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>. Acesso em 03 set 2021.
- CORIOLOANO, L. N. M. T. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- CORIOLOANO, L. N. M. T.; SILVA, S. C. B. M. **Turismo e Geografia: Abordagens críticas**. Fortaleza, Ed. EUCCE, p. 174, 2005.
- DIAS, R. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2008.
- FERNANDES, M. A. S. **DA RESISTÊNCIA À AÇÃO POLÍTICA, A EDUCAÇÃO PELO CONSENSO: a ação educativa de Pe. Sabino em Mãe Luiza - Natal/RN**.

2011. 159f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14415>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FURTADO, C. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GOOGLE EARTH. Recuperado em 24 de agosto de 2021 em <https://earth.google.com/web/@-5.79068108,-35.1872897,3.45050981a,767.42422136d,35y,-146.32798569h,59.5020148t,0.00000121r>. Acesso em: 24 ago. 2021.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

IDEMA. **Parque Estadual Dunas do Natal**. Março de 2021. Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=941&>. Acesso em: 14 dez. 2022.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph. 2003.

PORTAL G1. **Em dia histórico, Natal sedia jogo de Copa do Mundo pela primeira vez**. Junho de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2014/06/em-dia-historico-natal-sedia-jogo-de-copa-do-mundo-pela-primeira-vez.html>. Acesso em: 02 set. 2021.

JÁCOME, I. **Quatro anos depois de cratera, moradores de Mãe Luiza seguem sem casas reconstruídas em Natal**. Portal G1. Junho de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/quatro-anos-depois-de-cratera-moradores-de-mae-luiza-seguem-sem-casas-reconstruidas-em-natal.ghtml>. Acesso em: 03 set. 2021.

PANOSSO, N. A.; Trigo, L. G. **Cenários do turismo brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

RABAHY, W. (2003). **Turismo e desenvolvimento: estudos econômicos e estatísticos no planejamento**. Barueri: Manole.

RODRIGUES, A. M. Desigualdades socioespaciais - A luta pelo direito à cidade. **Cidades**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. (73-88), 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/571/602->. Acesso em: 31 ago. 2021.

SACHS, I. **Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento**. Tradução de Luiz I. de Vasconcelos e Eneida Araújo. São Paulo: Vértice. 1986.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec. 1991.

SANTOS, M. Território, espaço banal, lugar-comum. Pensar o lugar como domínio da imediatez é um equívoco; no mundo da globalização, ele recria o destino dos povos. Texto publicado no caderno de sábado do jornal da tarde em 09 de novembro de 2009.

SEN, A. **Desenvolvimento com liberdade**. Tradução. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

SILVA, J. C. S. da. **Solidariedade e fortalecimento da resiliência comunitária em situação de desastre: O caso do Bairro de Mãe Luíza, Natal - RN**. 2016. 153f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22845>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, M. J. V. da. **O turismo de massa e a cidade: processos de integração versus segregação socioespacial em capitais nordestinas (Recife – PE e Natal – RN) a partir de registros (VLOGS) de viagem de turismo doméstico**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Tese (Doutorado em Turismo). Natal, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/23662>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SOARES, A. dos S.; AZEVEDO, F. F. de. Turismo e território no Município de Maragogi-AL, Brasil: processo de participação social e o desenvolvimento local. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 1, p. 2-23. 2020. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/7191>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SOUZA, M. L. de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TURISMO EM NATAL RN. **O bairro Areia Preta em Natal – RN**. 2019. Disponível em: <https://blog.natalrn.com.br/bairro-areia-preta/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TS

